Nota Técnica

Aspectos do Comportamento Produtivo da Indústria Brasileira no Primeiro Semestre de 2013

Luiz Dias Bahia

Nº 14

Brasília, outubro de 2013

ipea Por um Brasil desenvolvido

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ASPECTOS DO COMPORTAMENTO PRODUTIVO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2013

Luiz Dias Bahia[1]

1. Introdução

A indústria brasileira aprofundou no primeiro semestre de 2013 sua tendência de recuperação, que havíamos intuído na Nota Técnica sobre seu comportamento durante 2012. De fato, enquanto no primeiro semestre de 2012 a produção da Indústria de Transformação se retraíra cerca de -4,36% em relação ao mesmo período de 2011 (com ajuste sazonal), a mesma medida em 2013 acusa um crescimento de 2,78% (também com ajuste sazonal). Assim, parece-nos mais seguro afirmar neste momento que a indústria demonstra mesmo ter entrado em um caminho de crescimento gradualmente mais expressivo.

Entretanto, algumas perguntas ainda permanecem: quais os setores mais responsáveis pelo atual dinamismo?; o início de crescimento, pelos indicadores disponíveis, parece sustentável?; quais componentes da Demanda Efetiva vem sendo mais importantes?

O trabalho se organiza da seguinte maneira: na segunda parte, analisamos o desempenho da Produção Física dos setores, agrupados por complexos; na terceira parte, apresentamos alguns indicadores de evolução do varejo; depois, analisamos brevemente a evolução do Pessoal Ocupado para o período; finalmente, concluímos.

2. O comportamento dos complexos industriais.

2.1 Complexo metal-mecânico.

Na Tabela 1 abaixo, apresentamos o comportamento do complexo metal-mecânico no primeiro semestre de 2013.

[1] Técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea na Diset.

Tabela 1
Variação de Produção Física (%)
Complexo Metal-Mecânico

Subsetores	TRIM I*	TRIM II**	SEM I*** 2013	SEM I**** 2012
Extração de minérios ferrosos	-5,59	-11,24	-8,48	-1,68
Extração de minerais metálicos não-ferrosos	-19,23	-18,31	-18,78	-5,55
Ferro-gusa, ferroligas e semiacabados de aço	-9,02	-9,57	-9,29	-11,48
Laminados, relaminados e trefilados de aço	-6,44	1,65	-2,49	-3,13
Tubos de ferro e aço com costura, inclusive fundidos	-0,47	17,24	8,45	13,54
Metalurgia dos não-ferrosos	-6,71	-2,71	-4,74	-1,14
Peças fundidas de ferro	-11,92	8,65	-2,17	-14,25
Estruturas metálicas, obras de calderaria pesada, tanques e caldeiras	-9,43	-22,29	-16,31	4,07
Artefatos de metal estampados, de cutelaria, de serralheria e de ferramentas	-3,83	-0,95	-2,41	-2,77
Embalagens metálicas	12,46	2,19	7,33	-7,41
Produtos diversos de metal	-0,81	4,79	1,95	-8,23
Máquinas e equipamentos para fins industriais e comerciais	3,16	17,14	10,09	-6,53
Tratores, máquinas e equipamentos agrícolas, inclusive peças e acessórios	-2,12	23,73	10,23	5,77
Máquinas e equipamentos para extração mineral e para construção	-20,73	0,57	-10,48	-10,39
Eletrodomésticos da "linha branca", exclusive fornos de micro-ondas	-2,66	-3,25	-2,95	8,60
Outros eletrodomésticos, exclusive aparelhos das "linhas branca" e "marrom"	-3,38	27,23	11,35	-8,64
Equipamentos para produção, distribuição e controle de energia elétrica	5,33	0,60	2,90	-15,00
Material elétrico para veículos	8,25	21,27	14,52	-17,44
Condutores e outros materiais elétricos, exclusive para veículos	4,06	14,63	9,18	1,05
Material eletrônico e aparelhos de comunicação	-4,71	-1,28	-3,08	-24,61
Eletrodomésticos da "linha marrom"	1,09	10,85	5,97	2,38
Automóveis, camionetas e utilitários	8,77	12,08	10,44	-11,83
Caminhões e ônibus, inclusive motores	44,48	54,97	49,60	-40,12
Carrocerias e reboques	10,63	13,54	12,10	-10,30
Peças e acessórios para veículos automotores	-1,47	2,70	0,61	-9,93
Construção de embarcações, inclusive reparação	-0,08	-6,36	-3,21	6,28
Construção e montagem de vagões ferroviários, inclusive reparação	-0,62	9,22	4,28	4,93
Construção e montagem de aeronaves, inclusive reparação	15,27	9,76	12,40	12,58
Outros veículos e equipamentos de transporte	-23,73	2,39	-11,66	-10,40

Variação do primeiro trimestre de 2013 em relação ao primeiro de 2012. **Variação do segundo trimestre de 2013 em relação ao segundo de 2012. ***Variação no primeiro semestre de 2013 contra o primeiro de 2012. ** Variação do primeiro semestre de 2012 em relação ao primeiro de 2011.*
Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6.
Fonte: PIM-PF do IBGE.

Fica patente, olhando os resultados acima, que os mais dinâmicos são os produtores de bens de capital e, em segundo plano, os bens de consumo durável, em particular os automobilísticos. No primeiro caso, destacam-se: máquinas e equipamentos para indústria e agricultura, além de caminhões e ônibus (com carrocerias e reboques) e aeronaves. O crescimento excepcional de caminhões e ônibus se deve à baixa base de comparação em 2012, quando a produção estagnou, devido a motivos regulatórios. No segundo caso, destacam-se os bens de consumo duráveis, como eletrodomésticos e, principalmente, a cadeia automobilística, toda em crescimento significativo no semestre. Comparando o primeiro semestre de 2013 com o primeiro de 2012, nota-se o quadro de recuperação gradual, ou seja, alguns setores já estão se recuperando, mas outros ainda não o fizeram.

2.2 Complexo químico

Na Tabela 2 abaixo apresentamos o comportamento do complexo químico.

Tabela 2
Variação de Produção Física (%)
Complexo Químico

Subsetores	TRIM I*	TRIM II**	SEM I*** 2013	SEM I**** 2012
Extração de petróleo e gás natural	-5,72	-2,07	-3,93	1,34
Refino de petróleo	7,47	7,19	7,33	5,74
Produtos químicos inorgânicos	-13,30	2,84	-5,62	-6,56
Adubos, fertilizantes e corretivos para o solo	-0,29	2,93	1,30	0,38
Petroquímicos básicos e intermediários para resinas e fibras	-2,51	7,73	2,46	4,42
Resinas, elastômeros, fibras, fios, cabos e filamentos	-0,05	5,75	2,81	7,41
Defensivos agrícolas e para uso domissanitário	4,74	3,18	3,97	16,47
Sabões, sabonetes, detergentes e produtos de limpeza	0,85	5,29	3,07	2,93
Artefatos de perfumaria e cosméticos, exclusive sabonetes	0,34	3,61	1,95	7,27
Tintas, vernizes, esmaltes, lacas, solventes e produtos afins	-2,49	1,55	-0,44	9,42
Produtos e preparados químicos diversos	1,73	1,02	1,38	-3,85
Fabricação e recondicionamento de pneumáticos	-0,87	15,44	6,92	-9,61
Artefatos diversos de borracha	5,56	4,30	4,93	-5,58
Laminados de material plástico	-4,62	19,29	7,00	-8,17
Embalagens de material plástico	3,73	0,31	1,99	-3,45
Artefatos diversos de material plástico	4,23	9,06	6,62	-1,62

**Variação do primeiro trimestre de 2013 em relação ao primeiro de 2012. **Variação do segundo trimestre de 2013 em relação ao segundo de 2012.*
****Variação no primeiro semestre de 2013 contra o primeiro de 2012. **** Variação do primeiro semestre de 2012 em relação ao primeiro de 2011.*
Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6.
Fonte: PIM-PF do IBGE.

Na Tabela 2 acima, notamos que a principal diferença entre o desempenho semestral do complexo químico entre 2012 e 2013 foi o desempenho de seus setores finais, ou seja, em 2013 eles foram os que mais cresceram, mas em 2012 foram os que mais se retraíram. Isso indica que, como esse complexo é essencialmente fornecedor de insumos para os demais, que estes estavam com desempenhos fracos em 2012, ou seja, que seus setores demandantes anteviam ou percorriam um ano de fraco crescimento, como foi, de fato, o ano de 2012.

A petroquímica apresenta um crescimento consistente com a manutenção da atividade do complexo, o refino também mantém desempenho positivo, até mais expressivo que o de 2012, mas o problema do complexo está na extração de petróleo. Chama atenção a retração produtiva na extração de petróleo - entretanto, esse comportamento parece vir do fato de que a produção de certas unidades foi poupada nesse semestre, em comparação com o primeiro semestre de 2012.

2.3 Complexo Agroindústria.

Na Tabela 3 abaixo, apresentamos o desempenho do complexo agroindústria.

Tabela 3

Variação de Produção Física (%)
Complexo Agroindústria

Subsetores	TRIM I*	TRIM II**	SEM I*** 2012	SEM I**** 2013
Abate de bovinos e suínos e preparação de carnes	-5,60	-4,19	-4,89	-4,96
Abate de aves e preparação de carnes	6,01	15,47	10,67	-8,24
Conservas de frutas e legumes, molhos e condimentos	7,96	-7,50	-0,06	2,10
Sucos e concentrados de frutas	-19,65	-26,11	-22,38	58,04
Óleo de soja em bruto, inclusive tortas, farinhas e farelos	-20,08	-10,58	-15,51	7,14
Refino de óleos vegetais e fabricação de margarinas	-3,21	-2,92	-3,06	3,06
Resfriamento e preparação do leite e laticínios	-6,91	-3,69	-5,31	-0,48
Beneficiamento de arroz	-0,74	-1,93	-1,34	3,56
Moagem de trigo	7,14	3,02	5,00	5,47
Fabricação de café	8,02	1,23	4,56	1,63
Alimentos para animais	-8,00	-2,52	-5,33	-4,86
Fabricação e refino de açúcar	-20,55	48,70	8,08	-17,90
Outros produtos alimentícios	-0,63	4,30	1,82	2,15
Celulose e pasta para fabricação de papel	-5,40	2,28	-1,58	1,09
Papel, papelão liso e cartolina	1,37	2,90	2,13	2,05
Material de embalagem de papel, papelão e cartão	0,08	-2,56	-1,24	-0,52
Álcool	-17,01	70,17	19,53	-19,32

**Variação do primeiro trimestre de 2013 em relação ao primeiro de 2012. **Variação do segundo trimestre de 2013 em relação ao segundo de 2012.*
****Variação no primeiro semestre de 2013 contra o primeiro de 2012. **** Variação do primeiro semestre de 2012 em relação ao primeiro de 2011.*
Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6.
Fonte: PIM-PF do IBGE.

O comportamento da agroindústria encerra um aspecto curioso: apesar da safra a ser comercializada em 2013 apresentar-se maior que a de 2012, o processamento agroindustrial não vem crescendo expressivamente, em termos setoriais no primeiro semestre de 2013, comparando com 2012.

Está além do escopo deste trabalho entender exaustivamente tal comportamento, mas como ficará claro na seção sobre o varejo, nota-se que as vendas em hipermercados e supermercados tiveram desempenho muito baixo no primeiro semestre de 2013, ou seja, a evolução da demanda não parece estar justificando o processamento agroindustrial.

2.4 Complexo Têxtil

Na Tabela 4 abaixo, apresentamos o comportamento do complexo têxtil.

Tabela 4
Variação de Produção Física (%)
Complexo Têxtil

Subsetores	TRIM I*	TRIM II**	SEM I*** 2013	SEM I**** 2012
Beneficiamento, fiação e tecelagem de fibras têxteis naturais	-2,06	2,68	0,29	-14,12
Fiação e tecelagem de fibras artificiais ou sintéticas	-6,91	-8,22	-7,56	-13,90
Outros artefatos têxteis	-11,37	-1,39	-6,45	1,40
Preparação de couro e fabricação de artefatos	1,97	5,42	3,71	-5,17
Calçados	0,06	10,44	5,11	-5,40

**Variação do primeiro trimestre de 2013 em relação ao primeiro de 2012. **Variação do segundo trimestre de 2013 em relação ao segundo de 2012.*
****Variação no primeiro semestre de 2013 contra o primeiro de 2012. **** Variação do primeiro semestre de 2012 em relação ao primeiro de 2011.*
Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6.
Fonte: PIM-PF do IBGE.

A cadeia têxtil apresentou no primeiro semestre de 2013 um comportamento ligeiramente mais favorável que o do primeiro semestre de 2012, que foi bastante precário. A recorrência desses desempenhos apontam para problemas estruturais de competitividade, presentes talvez há mais de uma década. Infelizmente, como o leitor facilmente compreenderá, está além do escopo deste trabalho detalhar tais problemas.

A cadeia de calçados reagiu expressivamente em 2013, sendo a boa notícia do complexo. Tudo indica que a origem desse comportamento vem sendo uma dinâmica mais intensa do mercado interno, uma vez que as exportações em *quantum* não cresceram em 2013 a ponto de justificar o comportamento acima.

2.5 Complexo Construção Civil

Na Tabela 5 abaixo apresentamos o comportamento do complexo construção civil.

Tabela 5
Variação de Produção Física (%)
Complexo Construção Civil

Subsetores	TRIM I*	TRIM II**	SEM I*** 2013	SEM I**** 2012
Cimento e clínquer	0,24	14,25	6,76	3,19
Artefatos de concreto, cimento e fibrocimento	10,01	17,17	13,62	-0,39
Produtos diversos de minerais não-metálicos	-1,46	-0,75	-1,11	0,35
Vidro e produtos de vidro, exclusive embalagens	-4,07	2,17	-1,02	-9,40
Produtos da madeira	-0,93	-0,19	-0,56	7,58
Extração de minerais não-metálicos	-9,06	0,00	-4,60	9,34

Variação do primeiro trimestre de 2013 em relação ao primeiro de 2012. **Variação do segundo trimestre de 2013 em relação ao segundo de 2012. ***Variação no primeiro semestre de 2013 contra o primeiro de 2012. ** Variação do primeiro semestre de 2012 em relação ao primeiro de 2011.*
Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6.
Fonte: PIM-PF do IBGE.

A construção civil apresentou um movimento bem peculiar nos primeiro e segundo trimestre de 2013. No primeiro, havia um quadro quase de desaceleração; no segundo, de franca e expressiva recuperação. Assim, a construção fechou o segundo semestre de 2013 em crescimento líquido, enquanto em 2012 o quadro era quase de estagnação.

2.6 Conclusão sobre os complexos

Assim, confirma-se um cenário geral de recuperação gradual da indústria, apesar dos desequilíbrios setoriais (alguns crescendo, outros se retraindo), mas que fazem parte do atual momento: ao contrário de 2004, quando quase praticamente todos os setores cresceram em uníssono, em 2013 há problemas de limites na utilização dos fatores, que tornam o trajeto de 2004 pouco provável.

3. Comportamento do varejo

Na Tabela 6 abaixo, apresentamos o comportamento do varejo (e seus itens) em *quantum*.

Tabela 6
Variação de Volume de Vendas (%)
Brasil

Segmentos	TRIM I*	TRIM II**	SEM I 2013***	SEM I 2012****
Total	3,60	3,33	3,47	8,34
Combustíveis e lubrificantes	5,15	8,48	6,83	4,15
Hipermercados e supermercados	0,84	0,62	0,73	9,40
Tecidos, vestuário e calçados	5,38	1,92	3,63	0,22
Móveis e eletrodomésticos	3,63	4,94	4,29	13,18
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	8,78	9,65	9,22	10,11
Livros, jornais, revistas e papelaria	6,55	3,98	5,26	3,36
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	5,10	4,02	4,58	17,61
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	9,20	9,89	9,55	7,30
Veículos, motos, partes e peças	8,70	8,70	5,62	2,29
Materiais de construção	7,68	6,79	7,24	8,02

Variação do primeiro trimestre de 2013 em relação ao primeiro de 2012. **Variação do segundo trimestre de 2013 em relação ao segundo de 2012. ***Variação no primeiro semestre de 2013 contra o primeiro de 2012. ** Variação do primeiro semestre de 2012 em relação ao primeiro de 2011.*
Foi feito ajuste sazonal pelo IBGE.
Fonte: PMC do IBGE.

Fica nítido na Tabela 6 o crescimento mais lento do volume de vendas no varejo no primeiro semestre de 2013, se o compararmos com 2012: passa-se de 8,34% (2012) para 3,47% (2013). Essa desaceleração se deve, em ordem decrescente: *hipermercados e supermercados* (de 9,40% para 0,73%); *equipamentos para informática e escritório* (de 17,61% para 4,48%); *móveis e eletrodomésticos* (13,18% para 4,29%). Sob outro aspecto, há aumentos de vendas em: *tecidos, vestuário e calçados* (de 0,22% para 3,63%); *veículos* (de 2,29% para 5,62%). E *materiais de construção* praticamente manteve seu crescimento semestral de 2012 para 2013.

Assim, podemos concluir que a origem de desaceleração no volume de vendas durante 2013 vem majoritariamente de bens de consumo não durável, em particular itens vendidos em supermercado.

4. Comportamento de Pessoal Ocupado

Na Tabela 7 abaixo, apresentamos a evolução do Pessoal Ocupado na Indústria em 2013.

Tabela 7
Variação de Pessoal Ocupado (%)
Indústria Brasileira

Setores	Trim A	Trim B	Trim C	Trim D	Sem I
Indústria geral	-1,04	-0,47	0,00	-0,13	-0,76
Indústrias extrativas	2,28	1,42	0,33	-0,35	1,85
Indústria de transformação	-1,13	-0,52	-0,04	-0,12	-0,82
Alimentos e bebidas	1,53	2,24	-0,22	1,18	1,89
Fumo	4,26	5,51	-4,46	1,23	4,89
Têxtil	-5,25	-2,26	0,09	0,85	-3,77
Vestuário	-6,26	-1,84	1,06	1,29	-4,09
Calçados e couro	-4,87	-5,97	0,46	-2,47	-5,42
Madeira	-5,32	-4,84	-0,38	-0,82	-5,08
Papel e gráfica	-1,74	-0,06	-0,81	-0,52	-0,91
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	-3,66	-1,29	1,37	-2,73	-2,51
Produtos químicos	0,35	1,06	-0,35	0,62	0,71
Borracha e plástico	2,78	2,79	1,24	0,31	2,79
Minerais não-metálicos	-0,67	-1,93	-0,72	-0,56	-1,30
Metalurgia básica	-0,20	-0,10	1,25	0,10	-0,15
Produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos	0,60	0,33	-0,35	-0,72	0,47
Máquinas e equipamentos, exclusive elétricos. Eletrônicos	-1,06	-2,20	-0,29	-1,19	-1,63
Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos	0,05	-1,96	1,00	-1,91	-0,95
Fabricação de meios de transporte	-1,38	0,53	0,77	0,75	-0,43
Fabricação de outros produtos da indústria de transformação	-4,25	-4,33	-1,43	-2,16	-4,29

TRIM A = variação do primeiro trimestre de 2013 contra primeiro de 2012. TRIM B = variação do segundo trimestre de 2013 contra segundo de 2012. TRIM C = variação do primeiro trimestre de 2013 contra quarto de 2012. TRIM D = variação do segundo trimestre de 2013 contra primeiro de 2013. SEM I = variação do primeiro semestre de 2013 contra primeiro semestre de 2012.
Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6
Fonte: PIMES do IBGE.

Notamos que tem havido uma leve dispensa semestral líquida (da ordem de 1%) tanto na Indústria Geral quanto na de Transformação, se comparamos o primeiro semestre de 2013 com o mesmo de 2012. Entretanto, tal movimento se concentra no segundo semestre de 2012, pois os valores de dispensa dos de TRIM C e TRIM D são bem menores que os de TRIM A e TRIM B. Em 2013 há um movimento líquido de manutenção de emprego.

Os setores que tem dispensado mais em termos líquidos são os do complexo têxtil, exatamente o complexo que enfrenta mais problemas. Entretanto, mais uma vez tal movimento se concentra em 2012, não em 2013.

Enfim, o quadro geral é de manutenção de emprego setorialmente em 2013.

5. Conclusão Geral.

A nível macroeconômico, a principal mudança do primeiro semestre de 2013 parece ser a redução do crescimento das vendas no varejo e um certo aumento do investimento.

Há alguns indicadores de que o investimento na indústria está crescendo mais que em 2012. Primeiro, a Produção Física de bens de capital para indústria vem crescendo semestralmente em patamares de 8,95% (para toda indústria) e 13,44% para bens de

capital seriados para indústria – essas características fazem-nos intuir que o atual investimento seja mais de modernização que de ampliação física. Segundo, a importação de bens de capital continua a subir, apesar de lentamente: 4,61%, semestralmente. Finalmente, os desembolsos do BNDES em termos reais[2] apresentaram crescimento expressivo neste semestre de 2013 em relação ao mesmo de 2012: produtos alimentícios (67,83%), têxtil (90,83%), couro e calçados (118,50%), coque e petróleo (407,04), borracha e plástico (233,19%), produtos de metal (92,49%), equipamentos eletrônicos (143,46%), máquinas e aparelhos elétricos (147,75%), máquinas e equipamentos (89,92%), veículos e carrocerias (171,81%).

Nota-se que o investimento, além de estar crescendo, está espraiado por um número maior de setores. Esse comportamento já se reflete na capacidade instalada, como mostraremos abaixo:

Tabela 8
Nível Médio Primeiro Semestre de Utilização de Capacidade Instalada (%)
Indústria Brasileira

	SEM I 1973	SEMI 2010	SEMI 2011	SEMI 2013
Indústria de transformação	89,5	83,8	83,75	83,6
Setores				
Bens de consumo	87,5	84,7	83,07	83,2
Bens de capital	89,5	82,7	84,67	82,8
Material de construção	90,5	89,2	88,73	89,2
Bens intermediários	90,5	85,0	85,68	85,2

Na Tabela 8 podemos observar vários aspectos da atual conjuntura da indústria brasileira.

Primeiro, o nível de utilização de capacidade médio para o primeiro semestre pouco se alterou de 2010 a 2013. Ou seja, não podemos falar que a indústria entrou em compasso recessivo depois de 2010, nem sequer que está com níveis de atividade baixos. Os níveis de produção têm sido altos, apenas não vem crescendo na velocidade de 2003-2010.

Segundo, à exceção de bens de capital, os níveis de utilização de capacidade estão bem perto do máximo histórico, em 1973. Ou seja, aumentar a capacidade instalada parece-nos indispensável para sustentar um trajeto de crescimento industrial (para o mercado interno ou externo), a não ser que se queira ceder espaço para importações.

Terceiro, os investimentos já feitos em 2013 parecem estar dando efeitos. Apesar da produção da Indústria de Transformação ter crescido 2,78% no primeiro semestre,

[2] Utilizou-se o IPA da Indústria Geral para deflacionar os valores de desembolsos mensalmente.

contra o mesmo período de 2012, seu Nível de Utilização de Capacidade Instalada (Nuci) variou de 83,75% (média do primeiro semestre de 2012) para 83,6% (média do primeiro semestre de 2013). Ou seja, houve crescimento, mas não maior nível de utilização de capacidade instalada. Isso provavelmente só foi possível através dos investimentos incorporados ou de ganhos de produtividade.

Em síntese, podemos dizer que a indústria brasileira esboça cada vez mais nitidamente uma recuperação e, o que nos parece ser a melhor notícia, de maneira consistente, ou seja, criando capacidade instalada adicional antes ou à medida que cresce.